

## DE NATIVOS A ESTRANGEIROS – UM OLHAR A PARTIR DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Sandra Maders\*

Recebido em: 10 set. 2012

Aprovado em: 25 set. 2012

\* Pedagoga. Mestranda em Educação (PPGE/UFSM) Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Pesquisadora no Núcleo de Estudos KITANDA: Educação e Intercultura. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: sandrinhamaders@hotmail.com

Resumo: Neste texto abordarei questões da Interculturalidade, Povos Indígenas e, sobre o “Sentimento de ser Estrangeiro”. Procuro mostrar que a questão do ser “estrangeiro” vai além do que até pouco tempo pensávamos, ou seja, às questões geográficas. Hoje, com a facilidade de acesso às informações que temos, seja pela internet, seja pelos meios de transportes, as fronteiras geográficas facilmente podem e muitas o foram superadas. Assim, o uso do termo estrangeiro, tem mudado. Até este momento, a pesquisa tem demonstrado que o ser estrangeiro tem mais a ver com o modo de ser, sentir-se, do que, estar geograficamente localizado em determinado local. Assim, o foco principal deste texto é refletir sobre os processos culturais que levaram os nativos desta terra de **Pindorama** a se sentirem, digamos assim, **estrangeiros** em suas próprias terras.

Palavras-chave: Intercultura. Povos indígenas. Estrangeiro.

## OF NATIVE TO FOREIGNERS - A LOOK FROM THE INTERCULTURAL DIALOGUE

Abstract: This paper addresses issues of interculturality, Indigenous Peoples and on the "feeling of being alien." I try to show that the question of being "foreign" goes beyond what we thought until recently, ie the geographical issues. Today, with the ease of access that we have, whether by Internet, whether by means of transport, geographical boundaries and can easily overcome were the lots. Thus, the use of the term abroad has changed. Until now, research has shown that a foreigner has more to do with the mode of being, feeling, than be geographically located in a certain location. Thus, the main focus of this paper is to reflect on the cultural processes that led to the natives of this land Pindorama become foreigners in their own lands.

Key words: Intercultura. Indigenous peoples. Foreigner.

## **PRIMEIRAS PALAVRAS...**

As ideias que apresento neste texto, estão sendo pesquisadas há pelo menos quatro anos. São ideias que tenho construído desde a graduação e, hoje têm orientado minha pesquisa no Mestrado em Educação.

Seria muito difícil iniciar este texto sobre os nativos desta terra, sem lembrar que, quando aqui chegaram os navegadores portugueses, nos idos de 1500, este território, que hoje é chamado Brasil, era habitado por cerca de mil povos/etnias diferentes. Eram os nativos desta terra e que foram chamados de “índios” pelos navegadores portugueses. Viviam livres, alegres e “soltamente” como gostava de dizer o antropólogo, e estudioso dos povos nativos brasileiros, Darcy Ribeiro (1998).

Hoje, transcorridos cerca de 500 anos, restam não mais de 305 destas etnias habitando estas terras *brasilis*. Mesmo assim, algo é ainda mais paradoxal: o fato de a grande maioria dos brasileiros não saber que no Brasil ainda existem 305 etnias, além, é claro, da civilização branca ocidental. Não sabem, também, que ainda são faladas cerca de 274 línguas diferentes por estas etnias<sup>1</sup>. Este desconhecimento não é algo apenas presente entre a grande massa da população. Não, infelizmente, mesmo nos meios acadêmicos e intelectuais poucos são os que sabem da existência deste ainda significativo contingente de brasileiros (as) nativos da terra de Pindorama. Portanto, uma conclusão óbvia disto é que a nação brasileira é formada por três grandes matrizes étnicas: a Portuguesa, a Africana e a Tupi.

Se olharmos para nosso passado recente – últimos 500 anos - veremos que cerca de 800 povos desapareceram; foram, de diferentes formas, dizimados. Com eles desapareceram suas línguas, seus rituais, seus hábitos alimentares, enfim, quando some uma língua, some com ela uma cultura.

Não esqueçamos que esses povos não tinham escrita. Sua comunicação era, basicamente, através da oralidade. Portanto, quando desaparece um povo com estas

---

<sup>1</sup> Essas e outras informações podem ser vistas na publicação “Censo 2010: Características Gerais dos Indígenas – Resultados do Universo”. Disponível em: <[www.censo2010.ibge.gov.br/](http://www.censo2010.ibge.gov.br/)>. Acesso em: 18 jun. 2012.

características é aniquilada uma civilização inteira. Desaparece sua arte, sua filosofia. Sim, sua filosofia, pois, estas civilizações possuíam um sistema filosófico de vida extremamente complexo e rico em contribuições para as demais formas de pensar a vida no planeta. Tanto isto é verdadeiro que são inúmeros os casos em que pesquisadores de vários países – e mesmo do Brasil – recorrem aos saberes dos povos nativos para estudarem, copiarem e transformarem em conhecimento científico e, logo em seguida em mercadoria, aquilo que é um patrimônio de saberes milenares destes povos.

Facilmente percebemos que a conjuntura planetária em que vivemos, faz com que as mudanças nas culturas e nas sociedades, encontrem-se cada vez mais intimamente entrelaçadas. Amarram-se umas às outras de forma a se intercambiarem num processo de “devoração antropofágica recíproca que alimenta, culturalmente, uma a outra” (BARCELOS, 2007; 2008). Vivemos um momento de diálogos e cruzamentos interculturais cada vez mais frequentes e cotidianos e que estão a ressaltar as diferenças e clamar pela criação de espaços de convivência e de tolerância (BARCELOS, 2005; 2006; 2007), pois, como nos alerta o antropólogo inglês, pioneiro dos estudos interculturais, Gregory Bateson (1986, p. 76), para que se crie uma diferença “São necessárias pelo menos duas coisas diferentes”. Com isto, me reporto também, ao que sugere o pesquisador contemporâneo das culturas híbridas, o argentino Néstor Garcia Canclini (2003; 2006), quando este afirma que falar de estudos que envolvem a cultura e as diferentes formas de conhecimento, no mundo contemporâneo, é falar a partir das intersecções, buscando as regiões onde as narrativas se opõem e se cruzam. Esta intensa e acelerada mobilidade que assistimos é um dos argumentos utilizados por autores contemporâneos para justificar parte das grandes transformações pelas quais passam, hoje, as nações criadas no espaço político e cultural da modernidade ocidental. Esta questão – a mobilidade das pessoas - está provocando intensas transformações no cenário político, econômico e, em especial, cultural no planeta.

As pessoas se encontram cada vez mais em ambientes apátricos, onde ocorre cada vez mais encontros étnicos e culturais e desses encontros surge o que aqui denomino de culturas híbridas (CANCLINI, 2003), e dessas culturas híbridas, surge o campo da interculturalidade, ou seja, culturas que coexistem, que dialogam entre si e, nunca se excluem, se fortalecem com os encontros culturais.

## **DE NATIVOS A ESTRANGEIROS: UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL**

Quando um indivíduo reconhece em si mesmo à oposição a aqueles que são diferentes, quando por diversos motivos, o indivíduo responde para si, que as oposições, as diferenças os excluem, mesmo estando em seu próprio país, por exemplo, o estrangeiro/estrangeirismo passa a ser um sentimento de quem o sente e não uma simples designação para falar dos que estão “fora” digamos assim, de seus espaços geográficos.

Segundo levantamentos arqueológicos, a migração indígena teve início muitos séculos antes da criação dos Estados nacionais, e por volta dos séculos I e II depois do nascimento de Cristo (D. C.). Historiadores calculam que, no início da invasão europeia ao Continente (1492), a população indígena girava em torno de um milhão e meio a dois milhões de pessoas, distribuídas em aldeias de trezentos a dois mil habitantes. Ao longo dos últimos 500 anos, os povos indígenas têm criado e recriado suas estratégias de resistência, ora enfrentando forças militares, como os exércitos imperiais de Espanha e Portugal, ou como há pouco contra venezuelanos, ora encontrando aliados na sociedade envolvente, ora simplesmente se dispersando. Contra todas as formas de dominação (educativa, militar, econômica e religiosa), o povo indígena foi capaz de manter seu espírito livre ao transformar em escudo de proteção o ininterrupto processo de transmitir de geração para geração sua língua e sua cultura, bem como ter sua principal defesa na filosofia que é a busca pela Terra Sem Males.

Ao falar dos novos modos de ser estrangeiro, não quero me referir aos imigrantes, às limitações geográficas e nem mesmo propor um novo paradigma sobre estrangeirismos.

Pois, se pararmos para pensar, as formas de estarmos no mundo, em comunicação com o mundo, têm mudado. Hoje, a facilidade de se fazer viagens, conhecer novas línguas e comer comidas de outros lugares diminuíram as distâncias fronteiriças, as quais antes se limitavam a questões geográficas. Neste sentido, Valdo Barcelos no artigo Aprender a conviver, em sua obra Invisível cotidiano (2006, p. 101), assim se manifesta:

Vivemos num mundo onde se come comida japonesa na América Latina e se bebe suco de frutas da Amazônia no Japão; os carros que circulam pela Europa são fabricados tanto na América quanto na Ásia; a música norte-americana é ouvida no Oriente Médio, bem como as cidades estadunidenses são invadidas pelos ritmos afro; a televisão globalizou as imagens e o espetáculo passou a ser um só nos mais diferentes confins do planeta, assistimos aos mesmos programas, bebemos as mesmas bebidas e usamos as mesmas marcas de roupas e calçados.

Hoje, viajamos mais, temos acessos rápidos há lugares via internet, temos o direito, diga-se de passagem, de irmos e virmos onde bem entendemos, observando sempre, é claro, algumas implicações burocráticas de acesso a outros países.

A troca cultural é vivida por nós cotidianamente, embora, muitas vezes, de forma imperceptível. Não precisamos mais estar junto, para estar perto. Paradoxalmente o fato de estarmos perto não significa que estamos juntos (BARCELOS, 2008). Não é necessário viajar para o Brasil para saber um pouco da nossa cultura. Ela pode ser conhecida, também, através dos produtos que exportamos e das empresas que levamos para outros países, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo em que levamos algumas particularidades nossas para serem conhecidas, é preciso, da mesma forma, conhecer, entender e aceitar a cultura do outro como legítima. Só assim poderemos viver como no “estado de hibridação” (BHABHA, 2003).

Se observarmos os campos de estudos e os objetos que são utilizados pela pesquisa, os mesmos passaram de locais para globais, de territórios físicos para territórios virtuais, então, há de convirmos que a concepção de território tem sofrido, ao longo dos anos, grandes transformações.

Proponho assim que, citando James Clifford (1999) “lo normal ya no seria preguntar: “¿De dónde es usted¿”, sino, “¿De dónde viene y adónde va¿”

Os povos indígenas, apesar de terem sobrevivido à devastação colonial, ocupam o imaginário das pessoas em muitos países latino-americanos como “invisíveis”. Os indígenas permanecem praticamente invisíveis para todos, especialmente aos olhos dos que querem excluí-los de nossa história. Lembro aqui do que disse Castro (2008, p. 84).

A impressão que tenho é que o “Brasil” até bem pouco não queria nem saber de índio, e sempre morreu de medo de ser associado “lá fora” a esse personagem, que deveria ter sumido do mapa há muito tempo e virado uma pitoresca e inofensiva figura do folclore nacional. Mas os índios continuam aí, e vão continuar.

Assim, transpondo a pergunta de James Clifford para a cultura indígena, não precisaríamos perguntar de onde vieram os indígenas, mas sim, para onde estão indo?

Se observarmos as legislações, as discussões acerca do rumo dos indígenas no Brasil, hoje veremos que a grande preocupação, me parece, é sobre o que faremos com os, ironicamente “nativos”, pois, se são nativos, o mais natural seria o contrário, deveríamos perguntar: o que é que eles farão em um país territorialmente e historicamente deles, que foi tomado por nós ocidentais?

Para tentar esclarecer melhor essa ideia de estrangeiro e estrangeirismo que tento tomar como ponto de partida para este texto, usarei como exemplo uma passagem escrita pelo autor do livro *Extranjeros en la tecnologia y en la cultura*, (CANCLINI, 2009, p. 5), o qual achei bastante pertinente trazer, vejamos:

- Exemplo de um casal caminhando pelas ruas de Buenos Aires, ela filha de italianos, mas nascida na cidade de Buenos Aires, ele holandês, ambos residentes na cidade. Ao passearem pelas ruas, são abordados, a ela são oferecidos folhetos de menus baratos e a ele, casacos de couro...

Neste exemplo podemos perceber que a *estrangeria* (CANCLINI, 2009) se dá mais pelas percepções e classificações convencionais que temos do que de viagens e de conhecimentos digamos, científicos que possuímos.

Muitas concepções de estrangeiros vêm da ideia de que somente os imigrantes é que os são, porém, esse número, chega a apenas 3% da população mundial.

Mas, ao falarmos da experiência de ser estrangeiro, essa sim, merece um olhar mais demorado, mais cauteloso. Pois o que quero propor aqui, é justamente esse pensar sobre estrangeiro em sua experiência, ou seja, as segregações que nos excluem ou que nos fazem sentir estranhos em nosso próprio país. Para Canclini, estes seriam os, “Extranjeros nativos: dissidentes, exilados dentro de la própria sociedad (insiliados), o quienes salieron del país y al regresar, luego de unos años, se sienten desubicados ante los câmbios”, (CANCLINI, 2009, p. 6).

Deste exemplo podemos fazer várias ligações sobre o ser/sentir estrangeiro hoje. Estrangeiros não são apenas aqueles que estão longe de seus países, ou logo ali em qualquer fronteira, mas, sim, aquele mais próximo de nós que, nos desafiam em nossos modos de perceber e significar sua presença.

Assim, fica uma pergunta: Como os nativos deste país se tornaram estrangeiros ao longo dos séculos? Como nos sentimos desafiados por aqueles que domesticaram a maior parte dos alimentos que conhecemos hoje? Como podemos, no diálogo intercultural, trocar, aprender e incorporar maneiras de conviver com as diferenças?

Esta forma de pensar o diálogo intercultural nos desafia, por exemplo, a nunca esquecer que não há um *lá fora* onde se buscarão os ingredientes necessários para construção do conhecimento. Seja ele de que tipo e em que área for. Por exemplo: nas questões relacionadas à construção de ações educativas que respeitem “o outro como legítimo outro na convivência”. A justificativa para esta afirmação busco, também, em Maturana (1995, p. 68), quando este diz que “A experiência de qualquer coisa “lá fora” é validada de modo especial pela estrutura humana, que torna possível “a coisa” que surge na descrição”. É justamente esta circularidade, este encadeamento entre as atitudes e as experiências das pessoas como seres no mundo (FREIRE, 1997) e que agem de forma inseparável daquilo que são particularmente, e aquilo que o mundo parece ser, que indicam algo fundamental e que não pode ser tergiversado, pois, “Todo ato de conhecer produz um mundo” (MATURANA, 1995, p. 68). Ao encontro deste pensamento, trago uma explicação dado por Carlos Amoraes, (apud CANCLINI, 2009, p. 8).

Si yo hago algo en un lenguaje europeo, pierdo la mitad de mí mismo, pero si hago algo completamente en un lenguaje mexicano o mexicanizado también pierdo la mitad de mí mismo. Lo que busco entonces es un compromiso entre esas dos formas, donde coexisten.

O que gostaria de enfatizar com esta citação, é justamente o ponto que considero fundamental neste texto. Ou seja, pensarmos em uma forma de “dialogar”, de encontrar pontos que coexistam com a cultura dos povos nativos, que não queiramos pensar e ou agir como os indígenas, mas, sim, encontrar pontos em comum, para o início da conversa. É que desta conversa surja à possibilidade de um “diálogo intercultural”. Em minha opinião, seria imaginar novas maneiras de atuarmos na sociedade, ou melhor, dizendo: nos desestrangeirizando. Isto seria construirmos conhecimentos que nos possibilitariam, nas diversas situações do cotidiano, dialogarmos com as diferenças e não excluí-las simplesmente. Nestes diálogos interculturais se criariam espaços de reflexão e ação/criação.

Para Geertz (2008) a cultura precisa ser vista como um contexto, algo por meio do qual os processos, os comportamentos sociais, podem ser descritos, por exemplo, pelos antropólogos, sociólogos, enfim, pelos estudiosos das relações culturais.

Este pensador vai a diante em sua reflexão e sugere que é desta relação de conversação intercultural recíproca, e, num certo contexto, que o olhar para a forma como o outro nos olha, pode nos ajudar a entender quem somos e que lugar ocupamos nesta relação, pois,

Ver-nos como os outros nos vêm pode ser bastante esclarecedor. Acreditar que outros possuem a mesma natureza que possuímos é o mínimo que se espera de uma pessoa decente. A largueza de espírito, no entanto, sem a qual a objetividade é nada mais que autocongratulação, e a tolerância apenas hipocrisia, surge através de uma conquista muito mais difícil: a de ver-nos, entre outros, como apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em um determinado lugar, um caso entre casos, um mundo entre mundos. Se a antropologia interpretativa tem alguma função geral no mundo, é a de constantemente nos re-ensinar esta verdade fugaz (GEERTZ, 2008, p. 30).

Ao mesmo tempo em que construímos uma cultura, ela também nos constrói, estamos inseridos neste processo que acontece todos os dias, todas as horas, em todos os nossos movimentos. A cultura, no meu entender, é tudo aquilo que não enxergamos, mas nos enxergamos nela. É mais ou menos como perguntarmos a um peixe o que é a água? Assim, a cultura para mim, é este emaranhado de experiências que nos atravessam, que nos tocam e nos transformam.

Sugiro, assim, que, comecemos a parar e pensar em uma maneira de dialogar com os indígenas, ou seja, reconhecê-los como parte integrante/formadores desta cultura.

## **UM CONVITE PARA PENSAR SEM FRONTEIRAS E A REPENSAR NOSSAS FRONTEIRAS...**

Dando uma pausa neste texto, gostaria de propor algumas reflexões acerca da construção de um diálogo intercultural, de onde, possamos começar a ver este outro modo de ser- o ser indígena- com olhos de quem respeita, olhar com *olhos livres*, como costumava dizer o educador brasileiro Paulo Freire (1997). E também que, comecemos a mudar nossas fronteiras de pensamento, as quais nos limitam e reforçam o sentimento de dominação, o qual tem se construído ao longo de nossa história.



Para que aconteça este diálogo intercultural com os povos indígenas, penso que seja necessário romper com a mentalidade colonial, ou seja, precisamos de um paradigma de relacionamento que reconheça e respeite a alteridade indígena e, promova seu protagonismo. Nas palavras de Eduardo Viveiros de Castro, “o encontro entre índios e brancos só se pode fazer nos termos de uma necessária aliança entre parceiros igualmente diferentes, de modo a podermos, juntos, deslocar o desequilíbrio perpétuo do mundo um pouco mais para a frente, adiando assim o seu fim” (CASTRO, 2000, p. 54).

Para reforçar esta ideia, trago um trecho do discurso de Wilson Changaray<sup>2</sup> (2006);

[...] Esta terra livre, independente e soberana tem que se basear nos princípios fundamentais indígenas. Princípios que superam os interesses pessoais e transcendem e abraçam as esferas do social econômico, cultural e político. Estes princípios são a essência fundamental do ser Guarani, como a busca incessante da Terra Sem Males e da Liberdade. Mas, quem me responde?... Nem Deus me responde quando vou ser livre...!!! Nossa essência é de ser sem dono... “O Deus nosso é a Natureza e não a Lei...”. Princípios que impregnam o ser social, como a Mboroaiu, Mborerekua, Yoparareko, esse amor, estima, carinho, solidariedade, expressada em sentimento ao próximo, que permite superar e desprender-se do ser mesquinho e individualista [...]

O fragmento acima é um excelente exemplo de exercício intercultural, na medida em que, ao considerarmos o modo de vida dos povos indígenas, nos dispomos a conhecer essa cultura. Assim agindo, daríamos um importante passo na busca de um diálogo sobre nosso modo de conviver com o diferente e as diferentes formas de expressões culturais.

Ao termos uma atitude de abertura ao outro construímos um diálogo sincero, um diálogo onde se perpetua a cumplicidade e, conseqüentemente, o crescimento da nossa própria cultura. Não digo, com isto que, devemos nos prescindir da própria tradição para chegar ao “outro”. “Trans-portamos nossas tradições e deixamos que nos trans-portem outras, e nos fazemos assim agentes-pacientes de verdadeiros processos de universalização” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 31). Assim, ao pensar neste diálogo intercultural, estaríamos “fazendo valer a polivalência da história”. Há vários futuros possíveis e “a maior ou menor universalização histórica de um desses futuros é um assunto que deve ser decidido mediante o diálogo das culturas” (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 376).

---

<sup>2</sup>Presidente da Assembleia do Povo Guarani da Bolívia, ao Presidente Evo Morales, primeiro líder indígena a ocupar o posto máximo de seu País.

Uma característica marcante da cultura indígena é a inseparabilidade entre os diferentes momentos do viver. Tal característica faz do *fluir* do viver nessas sociedades, uma completa integração entre a técnica, a arte, a religião, enfim, a vida acontece de forma indissociável entre a “beleza e a utilidade das coisas” (RIBEIRO, 2008, p. 66). Darcy Ribeiro sintetiza suas pesquisas fazendo uma análise da indissociação entre trabalho e lazer, entre arte e técnica. Assim se refere ao que acontece na relação cotidiana dos povos nativos com o que denominamos, em nossa cultura ocidental contemporânea, de arte e de beleza,

É impensável deixar de ver a perfeição formal de uma panela, de uma peneira, de uma casa ou de um colar. Um corpo pintado com urucum para uma tarde de festa é uma obra de arte feita com o zelo com que um pintor pinta uma tela. Uma perfeição perfeitamente inútil se poderia dizer. Mas a beleza á precisamente isso, é uma perfeição perfeitamente inútil que esquento o coração e dá alegria (p. 67).

Assim, penso que para começarmos a mudar nossa visão reducionista sobre esta cultura, é preciso que mudemos alguns valores, costumes e formas de olhar o outro. A mudança de hábitos, valores, representações, conceitos e pré-conceitos e atitudes estão, muito fortemente, relacionados a questões que não se limitam ao campo da razão, do raciocínio, do intelecto. Nossas representações de mundo, bem como, seus desdobramentos em ações cotidianas são, em última instância, um processo de construção complexa que envolve as dimensões humanas na sua totalidade e complexidade. Passando, portanto, pelo nosso *devir estéticos, ludens, demens, ético, filosófico, histórico, cultural*. Enfim, é o resultado de agenciamentos que não são passíveis de enquadramento nos marcos reducionistas da produção de conhecimento científico. Muito menos ainda no modelo de produção de conhecimento científico da era iluminista moderna que deu uma quase exclusividade aos aspectos racionais, em detrimento as emoções envolvidas na produção de conhecimentos e da aprendizagem humana.

Quando pensamos sobre alternativas ao modelo hegemônico de sociedade, pautado na dominação e não na cooperação entre as pessoas, há que buscarem-se outras fontes de referências epistemológicas, bem como fazer um exercício de aproximação entre os nossos princípios, nossas concepções e proposições filosóficas e nossas atitudes cotidianas. Passarmos a nos perguntar mais sobre o nosso fazer, e também, para quem serve este conhecimento que buscamos definir ao longo de nossas vidas se, o central do viver cultural é a conservação do modo de pensar, agir,

sentir, fazer, explicar e fazer reflexões. Com isto, podemos afirmar que somos capazes de refletir sobre nossas atitudes e conseqüentemente fazemos nossas escolhas, ou seja, cabe exclusivamente a nós a responsabilidade por elas. Assim, o viver humano ao conviver culturalmente na conversação, inicia uma rede de diferentes modos de vida. Com esta explicação, desmistifica-se a ideia de que carregamos a genética nos modos de vida, mas, sim, ao contrário, são os modos de vida que vão sendo incorporados na nossa biologia.

## REFERÊNCIAS

BARCELOS, Valdo. Antropofagia Cultural e Educação Ambiental: contribuições à formação de professores(as). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG, 2005.

\_\_\_\_\_. **(In)visível cotidiano**. Porto Alegre: AGV, 2006.

\_\_\_\_\_. **Antropofagia cultural brasileira e educação ambiental**: contribuições à formação de professores(as). Projeto de Pós-Doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2007.

\_\_\_\_\_. **Educação ambiental**: sobre princípios, metodologias e atitudes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BATESON, G. **Mente e natureza**: a unidade necessária. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Mirian Ávila; Eliana Lourenço de Lima; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo. EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

\_\_\_\_\_. **Extranjeros em la tecnologia y em la cultura**. Buenos Aires: Ariel, 2009.

CASTRO, E. V. de. **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

\_\_\_\_\_. Os termos da outra história. In: RICARDO, Carlos Alberto (ed.). **Povos indígenas no Brasil, 1996-2000**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000. p. 49-54.

CHANGARAY, Wilson. **Campanha**: povo Guarani, um grande povo. Discurso realizado em março de 2006. Disponível em: < <http://www.campanhaguarani.org.br/historia/pggp.htm>>. Acesso em: 8 maio 2011.

CLIFFORD, James. **Itinerários transculturales**. España: Gedisa, 1999.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Interculturalidad y globalización**: ejercicios de crítica filosófica intercultural en el contexto de la globalización neoliberal. Frankfurtam Main, IKO; San

José, Costa Rica: DEI, 2001. (Denktraditionenim Dialog: Studien zur Befreiung und Interkulturalität, 8).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GEERTZ, Clifford. Antropólogos Iberoamericanos en Red. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madrid, v. 3, n. 1, p. 17-45, enero-abr. 2008. Entrevista de Richard Handler da University of Virginia. Trad. Lydia Rodríguez Cuevas, Sergio Daniel López.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do conhecimento humano. Campinas, SP: Workshopsy, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Utopia Brasil**. São Paulo: Hedra, 2008.